

O jogo entre o campo do eu e o campo do desejo: o destino da neurose¹

Marilu Guerreiro

Não é raro escutarmos no discurso corrente, afirmações queixosas, lamentações e também canções sobre o destino.

Cantado, encenado, o destino é enunciado e denunciado sob as mais variadas formas. Apreendido e chamado de seu, torna-se “o meu destino”. Está traçado, está escrito, e o sujeito segue pela via de repetir o drama em que está encerrado e até resignado. É o que se dá a ver no nível do fenômeno.

Em relação ao dito pré-destinado, nenhum ser falante está excluído.

A fuga do destino não livrou Édipo vivo e não livra ninguém.

Para não realizar a predição do oráculo, Édipo fugiu. Ainda assim, realizou o destino traçado pelo mito de Sófocles.

O destino da neurose é o que se joga entre o campo do eu e o do desejo. Que possibilidades há de se articular as tramas dos fios de enlaçamento no drama, cujo resultado é o nó que amarra o destino do ser falante? Há uma via que é a via que Freud abriu.

Podemos dizer, e só podemos dizer disso, se o tramado se constrói nos percalços de uma via, a da experiência analítica, para que se possa chegar a dizer dos vários destinos do sujeito, em relação a sua captura pelo significante, e da dependência de sua pré-história.

Enquanto capturados nas malhas do significante, os sujeitos estão tocados e comovidos pelo destino do Édipo. Antes mesmo do nascimento, o oráculo fulminou sobre nós seres falantes, essa mesma maldição que é Freud quem verifica, ao longo de seu percurso nos sonhos, em relação ao desejo infantil e o quanto as moções pulsionais libidinosas sucumbem ao destino da repressão. Então, a repressão é o destino? A pulsão não admite outro fim que não a fixação? A sublimação, enquanto avatar da pulsão, também atende o destino da pulsão, mas será essa uma saída?

¹ Trabalho apresentado na XVI Jornada Anual da Práxis Lacaniana, 28 e 29 de setembro de 2013, Niterói.

Uma vida orientada pelo destino, de que se trata, na medida em que o mundo é um universo submetido à linguagem? Que significa dizer que o homem é dominado pelo destino?

Um destino pode ser o destino de um desejo, de um verdadeiro desejo como de Hamlet, personagem de Shakespeare que, ao fazer encenar o crime cometido pelo tio, Cláudio, cena reproduzindo a morte do seu pai, se engancha na sua própria armadilha. Hamlet, aí, no palco, é ele mesmo encenado, é ele mesmo praticando o crime que ele fez encenar. Na tentativa de abalar seu tio, ele se trai e realiza o destino edípico, este que não se escolhe.

Tomando a via que Freud abriu em “Além do princípio do prazer”, a repetição que já se ouvia dizer em outros discursos, é destacada, ganha valor e lugar privilegiado, por que não passou despercebida à escuta freudiana pelo que já se podia notar seus efeitos.

A repetição que, enquanto efeito, tem como essencial o traço unário, marca uma perda na origem, e é o que fundamenta a compulsão à repetição que, por sua vez, leva Freud a postular a pulsão de morte.

Lacan em “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” vai dar ao real, nesse nível, o estatuto de inconsciente, ou seja, o real como impossível, o que marca a anterioridade lógica.

Se a repetição encontra lugar pela via do discurso, é uma possibilidade para o sujeito de sair do destino de repetir no real, de repetir pela via do sintoma. É a chance de construir o sintoma no real da experiência analítica.

A repetição na via discursiva, implica necessariamente as operações do analista em função, para que seja possível para o sujeito analisante construir, nos diferentes tempos de sua articulação, o interjogo dos diferentes elementos imaginários e dos diferentes elementos de identificação simbólica, o seu percurso, as vias por onde ele possa se situar. Situar a maneira como vem jogando, a persistência na tentativa de encobrir com o discurso o que está já aberto, porque o significante existe. Há uma falta que é constitutiva do Outro. Cada um, na tarefa que é a analítica, vai precisar viver a experiência que só é possível no ato da fala, em transferência.

Frente a esta situação, vamos ter notícia dos mecanismos de defesa empreendidos pelo sujeito, que são apresentados como objetos, objetos com os quais ele pretende um encobrimento, razão pela qual se configuram os sintomas na neurose.

Os sujeitos, com relação à textura do objeto, se encontram bastante diferenciados. Entretanto, sob um aspecto, nos deparamos com um ponto de homogeneidade na neurose, que é o que concerne à orientação para o desejo.

No que se refere à introdução do homem no desejo sexual, nos deparamos com o caráter problemático e ambíguo do lugar onde se situa o desejo. Esse lugar está sempre para além da demanda no que podemos considerar que a demanda almeja a satisfação da necessidade, e, no aquém da demanda, uma vez que por ser articulada em termos simbólicos, vai além do que todas as satisfações para as quais ela apela, por que não há satisfação no que é pulsional. A demanda é demanda de amor e visa ao ser do Outro. A demanda é de que o Outro dê o que está além de qualquer satisfação possível, que é seu próprio ser. Por isso clama Hamlet: “Que me dêem o meu desejo!!!” (“O desejo e sua interpretação” - Seminário 06)

É então no espaço virtual, entre o apelo à satisfação e a demanda de amor, que o desejo pode ocupar seu lugar e se organizar. Daí só podermos situar o desejo numa posição sempre dupla em relação à demanda, ao mesmo tempo além e aquém, conforme seja o aspecto que se considere a demanda: demanda em relação a uma necessidade ou a demanda estruturada em termos de significante, já que ao buscar uma análise, o sujeito pretende a satisfação, e essa satisfação pode ser encontrada a nível de uma satisfação verbal no processo de significar que a estrutura por seu intervalo, permite. Trata-se de um tempo importante, que é o de significar o falo.

Nesse percurso, será necessário atravessar os dois planos da demanda: o plano significado e o plano significante que configuram um intervalo no qual o desejo deve ter lugar e se articular. Razão pela qual não se pode prescindir de ter o Outro como intermediário por ser o lugar da fala, o lugar a quem se dirige a demanda e que passa a ser também o lugar onde deve ser descoberto o desejo. Daí a fórmula: o desejo do homem é o desejo do Outro, porquanto vai ser necessário passar pelo Outro, já que é nesse lugar que o sujeito tem acesso ao falo.

Entretanto, se o falo não cai do céu, é pela intervenção do analista que é possível abrir esse lugar. Do contrário, nada sairá do ventre desse cavalo de Tróia repleto de significantes. Por outro lado, se se chega a encontrar os significantes determinantes, há um outro passo a ser dado, que implica a introdução do segundo plano da demanda.

Lacan diz que no homem o uso da função da imagem ficou empobrecida, reduzida à imagem narcísica especular. Como articular as funções imaginárias essenciais, preponderantes que estão no cerne da experiência analítica, as da fantasia?

Não se trata aqui de buscar uma melhor economia dos espelhismos. A economia imaginária só tem sentido, só podemos influir nela, na medida em que ela se inscreve em uma ordem simbólica que impõe uma relação ternária. Trata-se da relação do sujeito ao Outro, relação que não é direta, mas mediatizada por algum objeto parcial que está entre o sujeito e o Outro. Como barrar tudo aquilo que o sujeito significa, o que se torna evidente no seu querer ser amado por si mesmo, miragem que abole o discurso?

O sujeito, quando chega com a intenção de se analisar, não sabe quê demanda. Nem o que ele demanda é do que se trata, mas se trata do que está em função desta demanda, na medida em que a demanda está reprimida, mascarada. O que está em função da demanda é a razão de que há falta de objeto. Por isso precisamos partir sempre da via que Freud abriu, contando com que o objeto está perdido, e contando com o real da estrutura, que é a via por onde Lacan parte e segue construindo seus esquemas, tendo em vista a causa do próprio discurso.

O esquema que ele traça e que chama grafo do desejo se constitui por linhas que cortam, recortam, demarcam lugares, marca tempos diferenciados, passagens, entrecruzamentos, intervalos em que o sujeito é engendrado pela ação do significante nele e que legitima toda oscilação, vacilação que se produz e que o deixa em uma permanente pergunta sobre o que é do seu desejo, sobre o que não anda, sobre o ponto de entrave que sofre, na busca do que não sabe que busca, busca quase desenfreada de um objeto que lhe daria a suposta felicidade. Essa oscilação, que lhe é constitutiva, é tarefa do analista produzir por suas intervenções no processo analítico.

Porque algo do sujeito se mantém capturado pela rede dos significantes, se torna imprescindível ao sujeito passar por entre essa malha, para vir a saber em que o significante está interessado, ao qual está ligado por fortes vínculos.

É na possibilidade de ruptura deste inconsciente, em que jaz isso que o sujeito não sabe que sabe, que, enquanto analistas, também estamos interessados, interessados nisso que se passou de essencial no sujeito e que mantém certos significantes na repressão, é na possibilidade dessa ruptura que se precisa apostar.

É pela operação do analista que isso precisa ser restituído e restaurado no discurso do sujeito, pois onde o desejo se instala na relação com o sujeito, ele está essencialmente ligado à existência do significante reprimido e sua restauração está ligada ao retorno dos significantes. O que não quer dizer que esta restituição enuncie o desejo.

Também não quer dizer que seja da ordem de uma reintegração do *a* no *A/* (barrado).

Essa restituição é resultado da operação de interpretação que possibilita o elemento que está elíptico na hiância entre o campo do eu e o campo do desejo, e que pode fazer advir para o sujeito uma pergunta pelo seu desejo.

Porque o desejo é outra coisa.

Mas o que é o desejo? Que desejo sustentam os outros discursos, o discurso literário, o discurso matemático, para citar alguns? Na via desses discursos, cada uma das operações visam a suturar a questão do desejo no ponto em que Freud abriu.

Na contramão disso, o discurso analítico trata de dar presença à função do sujeito, fazendo uma inversão no movimento de redução que habita o discurso lógico, para o ponto central naquilo que é falha. Mas de modo algum é para suprir essa falha já que, por estrutura, não há lógica que possa encerrar toda a linguagem.

Do processo de construção em análise, que implica a transferência, vai resultar uma desordem dos significantes. Como operar aí, já que de certo modo, há a tendência à degradação da transferência no sentido regressivo, no sentido em que a regressão é regressão do discurso, e que os significantes implicados nela pertencem à estrutura do discurso?

Não será senão pela interrogação do que se produziu nesse tempo de análise. Interrogação que não conduzirá a nenhuma resposta que preencheria a falha, nenhuma resposta que seja por um significante. Daí Lacan ter escrito $S(A)$, que é uma falta no significante.

Se uma análise não chega aí, ainda que já tenha algum trabalho, está destinada à recorrência que mantém ainda o destino enquanto edípico, ou seja, ao redor da referência mítica, cuja sustentação diz da manutenção da erótica do sujeito, enquanto não passa de circuncrever a função imaginária do sujeito, que vem sendo reduzida, mais ou menos, às questões narcísicas.

Retomo a anterioridade lógica, que é uma hipótese de existência em relação à perda, por que é a questão que precisamos tomar como ponto central, já que nenhuma forma de síntese reparará, senão uma forma ilusória, ou seja, objetos que vão a este lugar e são outra coisa que o que são: objetos parciais, cujo traço comum é não terem imagem especular, porém uma imagem especular é o que vem a ser a forma de sua vestimenta.

O sujeito se apoia na imagem do objeto que lhe serve como defesa contra o que o solapa em relação ao desejo. Ele não sabe que, ao falar, realiza uma conexão significativa que o deixa fora, como sujeito, ou seja, fica suspensa a sua função de sujeito, por que falar é diferente de afirmar “*eu digo o que acabei de afirmar*”.

Se, por um lado, o sujeito se apoia na imagem do objeto, por outro lado, Lacan diz que em relação ao objeto, o sujeito precisa se defender. Aqui se trata de outro objeto que não é a imagem do objeto, mas sim o que Lacan antecipa em “O desejo e sua interpretação”, em relação ao fantasma, que é o que fica oculto do sujeito e não se fundamenta na imagem narcísica. Lacan chama de prenda do desejo ou refém do desejo, que é o que se oculta do sujeito, que é o objeto em função de causa.

Encontramos situadas nos dois pisos do grafo, as duas formas de apoio para o sujeito que encontram correspondência. No segundo piso, o a em $(S/\langle \rangle a)$, onde o desejo se sustenta do fantasma. O a referente ao primeiro piso vai aparecer no fantasma, onde temos a função Eu do sujeito que está referida à enunciação.

Na lógica do fantasma, em relação à construção do a , Lacan nos diz que nos obrigaremos a certo rigor da lógica. Afirma que é necessário “o pronto para para provê-lo”, um tempo necessário à construção do fantasma. Ele nos diz que pode momentaneamente bastar-nos, mas que não regula nada para o que temos que avançar, e que para fazer o fantasma faz falta o pronto para levá-lo, que é o tempo de seu atravessamento.

Mas se o desejo do neurótico se mantém na oscilação, separação e religação do objeto, o sujeito pode permanecer inteiramente suspenso na garantia mítica da boa fé do significante.

Importa, se há desejo de avançar, que o sujeito se detenha aí para verificar, se lhe for possível, que poderá viver de outro modo que não seja na vertigem e na encenação que o fantasma provê.

Se entra a lógica do fantasma, é a possibilidade que tem o sujeito de começar a fazer uma travessia com relação aos significantes que retornam, em relação às equivalências que fazem destino, para entrar numa outra via de repetição. Para que possa se defender do *a* que precisou para ter apoio. Por isso a necessidade de construí-lo.

Importa tomar essa economia do desejo, que é o que se pode supor que uma análise, se estas questões estão em jogo, opere para uma mudança que implique o recomeço de uma nova partida.